

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Gustavo Lerner Battagliese

Apontamentos sobre a função paterna
na teoria de Donald W. Winnicott

São Paulo
2011

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Gustavo Lerner Battagliese

Apontamentos sobre a função paterna
na teoria de Donald W. Winnicott

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria
Cecília Corrêa de Faria.

São Paulo
2011

Agradecimentos

Tenho muitos agradecimentos a fazer não somente às pessoas que foram importantes para a elaboração deste trabalho, como também às pessoas fundamentais na minha trajetória até a conclusão da minha graduação em Psicologia.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Corrêa de Faria, pela paciência, bom humor e atenção que teve ao conduzir a orientação deste trabalho.

À Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Tosta, por ter semeado em mim as ideias iniciais da pesquisa.

À minha parecerista, Prof.^a Chu Cavalcanti, por me ter apresentado, no início do curso, o mundo do acompanhamento terapêutico e por se dispor, ao seu final, a ler o meu trabalho. Dividir esses momentos com ela foi uma grande alegria para mim.

A Neusa Caccese de Mattos e Claudionor A. de Mattos pela atenta revisão deste trabalho.

Aos meus queridos amigos Rica, Pepeu, Víni, João, Júlia Azevedo, Vic, Camila Issa, Maria, André (Coxa), Vitinho, Laura Canhada, Rafael (Pajé), Má Risi, Jonas, Vivi, Marina (Mamá), Júlia Magalhães, Carol, Tomás (Mendes), Thiagão, Ceci, Miagy, Catatau, Vicente, Reca, Iane Dantas e Giliane (as duas últimas em especial pelo encontro insdescrevível!). Por tudo o que compartilhamos. Sem eles a vida teria pouco sentido.

Aos igualmente importantes amigos do nosso grupo de supervisão: Bueno, Tomás, Renato (Cenoura), Heleninha e Fabião. Por todas as conversas dentro e fora do grupo.

Ao Maurício Porto, pelo suporte e aprendizado.

Ao Grupo Trilhas de Acompanhamento Terapêutico: Sandra, Rafael, Erika (Kinha), Bruna, e Mariana (Pixú). Pelo espaço que me deram para criar e recriar.

Ao Pedro Monteiro, pelos oito anos de descobertas e apoio. Esses anos foram, com certeza, a minha porta de entrada na psicologia e na psicanálise. Grandes marcas e lembranças.

Ao Décio, por sua escuta. Faltam-me palavras para exprimir todas as palavras que trocamos.

Aos meus avôs Jacob Lerner e Caetano Batagliesi (*in memoriam*), que, cada um à sua maneira, me ensinaram muito do que escrevi neste trabalho.

À minha avó Paulina, pelas conversas sempre bem-humoradas, suas lições e seu amor incondicional.

À minha avó Olga, por tudo o que aprendo com ela no nosso cotidiano.

Ao meu irmão Caco, com quem compartilho quase tudo nesta vida.

À minha mãe, Miriam, por tudo, tudo mesmo. Por nunca ter desistido de mim e por ter sido sempre um esteio na minha vida. Por seu amor infinito, que nem sempre mereci.

Ao meu pai, Rogerio, a quem dedico este trabalho. Por tudo o que já passamos juntos, pelo carinho, pela preocupação e pelas broncas também. Foi fundamental viver ao seu lado durante os anos de faculdade. Muito obrigado.

Battagliese, Gustavo Lerner (2011). Apontamentos sobre a função paterna na teoria de Donald W. Winnicott. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Corrêa de Faria.

Resumo

O presente trabalho teve como finalidade discutir os aspectos gerais do conceito de função paterna, tal como Donald Woods Winnicott formulou em sua teoria, partindo da premissa de que a ideia do pai é algo pouco explorado e difundido pelos estudiosos de sua obra.

Para isso, foi traçado um percurso em seus textos e nos de autores que tratam do tema. Nesse percurso foi proposta uma divisão entre dois momentos distintos, que na conclusão chamei de *dois tempos* da função paterna: no primeiro, o pai é um aspecto do ambiente, não tendo para a criança um papel e a forma de uma pessoa; já no segundo momento, o pai entra em cena como pessoa total. Essa distinção foi baseada na divisão, já existente nos textos de Winnicott, de estágios de amadurecimento definidos pela relação de dependência/independência da criança em relação ao ambiente, sendo esses estágios abordados de acordo com a distinção de *tempos* inicialmente proposta.

Fica claro que a questão do ambiente permeia todo o percurso do desenvolvimento da criança e abordá-la em relação ao pai foi um ponto fundamental para esta discussão.

Palavras-chave: Winnicott, psicanálise, função paterna, ambiente.

Sumário

Introdução	6
Método	10
1 O pai ambiente	13
1.1 O pai no estágio de dependência absoluta	14
1.2 O pai no estágio de dependência relativa ou estágio do uso do objeto	18
2 O pai, pessoa total	27
2.1 O pai no estágio do <i>concern</i>	27
2.2 O pai no complexo de Édipo	33
Considerações finais	41
Referências bibliográficas	45

Introdução

Donald Woods Winnicott é autor de uma vasta obra psicanalítica, escrita de maneira aparentemente acessível e, algumas vezes, direcionada a um público leigo no assunto. O texto winnicottiano é de fácil acesso, e isso pode dar a impressão para alguns de que seu conteúdo é medíocre, mas, como Jan Abram afirma no começo de sua obra:

(...) sob aparente simplicidade de uma frase ou sentença estendia-se um labirinto teórico extremamente complexo. (Abram, 2000, p. 1)

Winnicott tem uma forma peculiar de escrita: seus artigos geralmente são curtos e têm um tom casual e até brincalhão, como diz Thomas Ogden:

É casual e com jeito de conversa, ainda que sempre profundamente respeitoso, tanto em relação ao leitor quanto ao tema em discussão. A voz que fala se dá permissão de vagar, e ao mesmo tempo tem a concisão da poesia, há uma extraordinária inteligência no tom que é, ao mesmo tempo, genuinamente humilde e muito consciente de suas limitações; há uma intimidade desarmante que, às vezes, se recobre de humor e de charme; o tom é brincalhão e imaginativo, mas nunca popular ou sentimental. (Ogden, 2002, p. 738)

Para o leitor assíduo de Winnicott, essa afirmação não é novidade, mas quem começa a leitura de seus textos pode, num primeiro momento, surpreender-se com o tom de sua escrita. Pode-se observar esse estilo bem humorado e realmente comprometido com o tema em questão em um artigo da década de 1950. Em *A tendência anti-social*, Winnicott (1956) utiliza o mesmo tom para demarcar certas questões da psicanálise freudiana e fazer um relato de como foi mordido seriamente nas nádegas por um de seus pacientes. Além de provocar risadas no leitor, o texto delimita e define bem um de seus conceitos mais abordados e discutidos, que é a tendência antissocial. Utilizo esse exemplo, entre os vários disponíveis, para mostrar como sua obra gera uma série de interpretações por conta do estilo de sua escrita, ou seja, ela

naturalmente suscita inúmeras discussões acerca dos significados e da amplitude do que ele quis dizer.

Uma hipótese para a razão dessa contradição é que Winnicott “dirigiu-se, em muitas ocasiões, a um público leigo (mães e pais, educadores, assistentes sociais, médicos, etc.)” (Lang, 2004, p. 31). Esse fato faz muitos autores pensarem que, nesses momentos, sua fala não está necessariamente comprometida com a produção teórica psicanalítica, o que leva a uma das inúmeras discussões a respeito do conteúdo da obra de Winnicott, o quanto ela pode ser considerada psicanalítica e qual sua contribuição para essa ciência.

Claudia Fulgencio (2007) afirma que existem duas grandes vias de pensamento a respeito dessa discussão. A primeira delas se configura pela premissa de certos autores – “Jacobs, 1995; Meyer, 1994; Rycroft, 1985; Assoun, 2000; França 2002” (p. 16) – de que Winnicott, apesar de sua obra extensa, não fez nenhuma contribuição teórica significativa para a psicanálise. Já na segunda via, a autora também aponta alguns autores, como “Clancier e Kalmanovitch, 1984; Geets, 1981; Green (1977, 1988 [1972], 2003 [2000]); Pontalis, 1971; Luz, 1989; Outeiral (1991, 1994); Phillips, 2007 [1988]” (*Ibid.*). Ela afirma que não somente Winnicott fez contribuições significativas para a psicanálise, como fundou um novo paradigma psicanalítico, em que novos elementos para além da sexualidade aparecem para pensar os momentos iniciais do desenvolvimento humano.

Neste trabalho, não pretendo tomar partido em relação a nenhuma dessas posições. Minha intenção é fundamentar minha leitura na ideia de que Winnicott trouxe acréscimos importantes ao pensamento psicanalítico (sem entrar na discussão se isso configura ou não um novo paradigma), e discutir, em linhas gerais, sobre alguns desses aspectos bem evidentes em suas concepções.

Como ponto de partida deste estudo, pretendo discutir uma visão comum entre muitos autores: de que a teoria de Winnicott foca o papel que a mãe desempenha no desenvolvimento do sujeito, negligenciando questões a respeito da função do pai. Podemos perceber que o enfoque que o autor dá

aos estágios primeiros do desenvolvimento que precederiam o complexo de Édipo acarreta diversas leituras, que divergem em relação ao papel do pai em sua teoria. Essas interpretações discorrem, em grande parte, sobre uma suposta não importância da figura paterna para Winnicott, como fica claro neste trecho de Adam Phillips:

Em sua obra teórica, como veremos, ele abandonaria a figura do pai e a substituiria por uma fascinação pela criança e suas mães. Não é o pai que interessa a Winnicott como figura de interposição entre a mãe e a criança com o intuito de separá-las, mas sim um espaço transicional do qual o pai simplesmente não faz parte e “que inicialmente tanto une quanto separa o bebê de sua mãe”. (Phillips, 2007 [1988], p. 54)

Encontramos nesse trecho um exemplo importante de um modo de ler Winnicott, pois Phillips reconhece na obra winnicottiana uma nova visão no que diz respeito ao enfoque nas mães e seus bebês, e situa a função paterna em um espaço transicional.

Fulgencio (2007) afirma que talvez essa ideia de ausência do pai na teoria winnicottiana esteja embasada numa concepção mais clássica da psicanálise, em que o pai atua somente como um interventor, um terceiro no momento edípico, sendo que, para Winnicott, esse é apenas um dos “papéis” que o pai exerce no amadurecimento do indivíduo. Isso ocorre porque, de acordo com a autora, na obra de Winnicott, o Édipo não é o ponto central para a constituição do sujeito, e sim uma das etapas da árdua tarefa que é o amadurecer, podendo ou não ser alcançado por muitos indivíduos. Esse posicionamento fica explícito quando Winnicott, ao escrever um comentário sobre a obra *Moisés e o Monoteísmo*, de Sigmund Freud, nos diz:

Na última parte (de Moisés e o Monoteísmo), Freud pode ser visto como reafirmando a crença na repressão e (como pareceria a mim) ultrapassando-se em sua formulação do monoteísmo como importante por causa da verdade universal do pai amado e da repressão disto em sua forma original e rematada (Id.). Mas o leitor sabe que o argumento não suporta um exame atento. Não é que Freud esteja errado a respeito do pai e do laço libidinal que se torna reprimido, mas tem-se de notar que uma certa proporção de pessoas no mundo não chegam ao complexo edipiano. Elas nunca avançam tão longe em seu desenvolvimento emocional e portanto, para elas, a repressão da figura paterna libidinizada tem apenas pouca relevância. Se se olhar para

peessoas religiosas, certamente não é verdade dizer que os princípios monoteístas só pertencem àqueles que atingiram o complexo edipiano. Uma grande parte da religião acha-se ligada com a quase-psicose e com os problemas pessoais que se originam da grande área de vida do bebê que é importante antes que se chegue a um relacionamento de três corpos, como o que se dá entre pessoas totais. (Winnicott, 2007 [1969], p. 187)

A ideia de que muitos indivíduos não desenvolvem o complexo de Édipo já nos faz pensar que esse complexo ocupa outro lugar na concepção de desenvolvimento winnicottiana e abre campo para indagarmos qual será esse lugar. Além disso, podemos refletir sobre a afirmação de que, se para alguns reprimir a figura paterna libidinizada tem pouca relevância, pois, para esses indivíduos o Édipo não ocorreu, algo em torno da figura paterna também deve ter acontecido. Se há questões (como no caso, a religiosa) ligadas à “grande área da vida do bebê”, há também um lugar para o pai nessa área.

Winnicott é considerado inovador ao abordar as fases que antecedem o complexo de Édipo em termos de amadurecimento e não, como classicamente é proposto, em relação às fases de desenvolvimento libidinal. Essa abordagem só é possível porque o autor enfatiza sua noção de ambiente e torna esse conceito o eixo central de sua teoria. Ao tratar de sua primeira fase do amadurecimento (dependência absoluta), Winnicott não se refere a um bebê e sim a uma unidade formada pela mãe e o seu filho. Pois, para o bebê, inicialmente não há alteridade, não há individualidade. Como não há uma separação entre o bebê e o mundo, o ambiente em que ele vive se torna fator fundamental para a sua formação e a sua mãe é a principal propiciadora desse ambiente. A respeito dessa concepção Abram diz:

A literatura psicanalítica faz diversas referências ao papel da mãe em relação ao bebê, mas, até por volta de 1950, a investida teórica era muito maior sobre o indivíduo e seu mundo interior. O impacto do ambiente sobre a saúde mental do indivíduo não estava verdadeiramente em consonância com a importância que tinha a partir do momento em que foi adotada a teoria analítica. A contribuição oferecida por Winnicott nesse campo não pode ser esquecida.(...) O indivíduo passou a ser, a partir de então, não mais considerado como unidade, mas como uma estrutura ambiente-indivíduo – o par que provê cuidados.(...) Em outras palavras, o indivíduo não existe – o que existe é o indivíduo em relação ao mundo externo. Winnicott esforça-se, assim, em demonstrar

que a relação de uma unidade corporal não **precede** a relação de um par corporal, mas, sim, a **sucede**. (Abram, 2002, p. 26)¹

Pode-se concluir, com base nessa citação, que a ideia de desenvolvimento a partir da progressão libidinal em relação às zonas erógenas diz respeito ao mundo interno. Portanto, a proposta de Winnicott de deixar essa concepção de lado (discurso brevemente sobre isso no primeiro capítulo) tem como foco a relação sujeito/ambiente proposta por ele, ainda que seja apenas para uma reflexão em paralelo das duas ideias desenvolvimentistas. Há também nesse trecho uma proposta de inversão, que caracterizaria o desenvolvimento da criança em relação ao ambiente: para ter a noção de si mesma como unidade, a criança é sustentada por sua mãe; portanto, o par corporal antecede a unidade corporal.

É a partir dessa noção de ambiente que surge uma das questões centrais deste trabalho. Quais são as influências que o ambiente tem no que é chamado de paterno na teoria de Winnicott? A resposta a essa pergunta é fundamental para entender todos os aspectos da função paterna em sua teoria, e é o ambiente o ponto de partida para a discussão a respeito da função paterna que me proponho a fazer.

Método

Neste trabalho, proponho-me a discutir aspectos da função paterna na teoria de D. W. Winnicott, tendo como eixo a ideia da constituição de independência que a criança vai conquistando em relação ao ambiente. Para isso, apoio-me nas propostas de Claudia Fulgencio em sua monografia de mestrado,² em que a autora apresenta uma organização sistemática do que Winnicott escreveu a respeito da função paterna. O caminho que ela percorre se inicia a partir da divisão dos estágios de amadurecimento propostos por

¹ Grifos da autora.

² *A Presença do Pai no Processo de Amadurecimento – Um Estudo sobre D. W. Winnicott.*

Winnicott: dependência absoluta, dependência relativa, concernimento³ e complexo de Édipo.

A partir da leitura desse trabalho, organizei uma divisão dos estágios em dois momentos: no primeiro, composto pelos estágios de dependência absoluta e dependência relativa, o pai ainda faz parte do ambiente, sendo sua função caracterizada por aspectos ambientais; já no segundo momento, o pai aparece na cena como pessoa total e, com isso, passa a ter uma relação direta com a criança. Posteriormente, propus denominarmos esses momentos de *dois tempos* da função paterna.

Com base nessa divisão, e a partir de uma série de artigos de Winnicott, do trabalho de Fulgencio e de textos de outros autores que pareceram apropriados ao tema em questão, discuto as dimensões que o pai vai tomando em relação ao filho durante o seu processo de amadurecimento e nas quais sempre está contida a ideia de provisão ambiental, que vai se formando e compondo com as especificidades de cada estágio. Optei por colocar os títulos dos principais textos utilizados também em forma de notas de rodapé, para fácil acesso durante a leitura.

Pesquisar os aspectos da função paterna na obra de Winnicott não é um trabalho simples, pois entre os seus textos há apenas um que se refere completamente ao pai.⁴ E como Charles Lang aponta:

Em DWW, a questão do pai está dispersa e não é explícita. Quando ele fala ou em “mãe suficientemente boa” ou do papel da “maternagem”, o pai pode não estar excluído, mas não é definido o que nisso é propriamente paterno. (Lang, 2004, p. 42)

Essa observação é pertinente, pois, apesar de haver várias referências diretas à função paterna, elas estão dispersas e geralmente se inserem em

³ Em razão da oportuna sugestão da minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Cecília C. de Faria, durante o trabalho utilizarei o termo original em inglês *concern*. Essa escolha se deu por conta da discussão que envolve a tradução dos termos de Winnicott para o português. Como esta apresentação é apenas um trabalho de conclusão de curso, optei por não tomar partido na discussão, deixando o termo em inglês. Entre as diversas fontes a respeito dessa discussão assinalo a “Nota introdutória à tradução”, de Davi L. Bogomeletz, para o livro *Natureza Humana*, e a nota 49 (p. 90) da monografia de mestrado de Claudia Fulgencio. O termo está em português no trecho transcrito acima porque a autora assim o colocou.

⁴ E o Pai? (1957). In *A Criança e o seu Mundo*.

outras discussões do autor, não ocupando espaço de destaque nas suas colocações. Também é muito fácil encontrar nos textos de Winnicott aspectos que podem ser interpretados como referentes à função paterna, mas não estão diretamente assinalados como tais. Talvez esteja aí mais uma dificuldade que os pesquisadores tenham para reconhecer em Winnicott a existência de um pensamento teórico a respeito do pai.

É importante ressaltar que para abordar a função paterna, assim como Winnicott, utilizo o termo pai na maior parte das vezes. Apesar de utilizar esse termo, não estou propriamente me referindo ao pai, como pessoa encarnada. E sim, à função pai, que pode se exercida por outra(s) figura(s) que não o pai biológico da criança. Na maioria dos textos consultados, Winnicott tem como referência a configuração familiar tradicional, e esse fato está diretamente ligado ao contexto em que viveu e exerceu sua profissão. Isso não desvaloriza nem um pouco sua contribuição para o pensamento psicanalítico. As questões por ele levantadas podem ser facilmente deslocadas para os mais diversos contextos familiares, os quais se fazem mais presentes ou pelo menos mais evidentes em nosso momento atual.

Este trabalho também não se propõe a fazer uma comparação entre as ideias de Winnicott e as de outros autores da psicanálise. Pretende explicitar suas propostas dentro de sua linha de pensamento. Winnicott é um dos primeiros psicanalistas que teve como ponto de partida a pediatria: ao se iniciar nos estudos psicanalíticos, ele já tinha sua prática médica como pano de fundo de sua atividade, e isso certamente influenciou o seu ponto de vista a respeito do desenvolvimento do ser humano. E é sobre esse pensamento que procurei me debruçar ao escrever este texto, pois a contribuição de Winnicott à reflexão sobre a função paterna tem grande utilidade para a perspectiva clínica, mas é quase renegada pelos leitores de sua obra.

1 O pai ambiente

Para pensar na função paterna na teoria de Donald Winnicott, começamos com um aspecto com o qual a maioria dos pesquisadores de sua obra concorda: a vida de um bebê começa com uma unidade, da qual ele não tem consciência, a unidade mãe-bebê. Unidade que é necessária, fundamental para que haja o desenvolvimento desse bebê, mas que, se não for desfeita, vai assumir um caráter patológico. Há algo que nos move para o mundo exterior, que nos desloca de nossa primeira experiência de vida fusionada à nossa mãe, fazendo com que nos deparemos com as infinitas possibilidades de um mundo mais amplo, em que vivemos ao mesmo tempo sós e em coletivo. Essa primeira experiência de vida tem caráter eterno porque para o bebê que a vive não há o tempo, não há o outro e também não há o corpo.

Esse assunto é tradicionalmente abordado pela psicanálise, como algo a ser solucionado com a passagem da criança pelo complexo de Édipo, e é nesse ponto que ocorre uma divergência entre o pensamento winnicottiano e o das outras psicanálises. Winnicott entende que a chegada da criança ao Édipo só ocorre após uma série de outros movimentos, que se situam em estágios mais primários do desenvolvimento; para ele, em muitos casos, o sujeito nem consegue alcançar esse complexo em sua totalidade. Sendo assim, a individuação da criança se inicia anteriormente ao referido complexo.

A função paterna numa ótica mais clássica só incide no sujeito com seu posicionamento diante da relação de seus pais. No Édipo, o pai aparece como terceiro no triângulo amoroso em que o bebê se insere. Para Winnicott a origem desse pai é apenas um desdobramento de outros “pais” que já vinham se introduzindo de algum modo na vida da criança, e esse é o grande diferencial na concepção winnicottiana de sujeito.

É importante lembrar que esse ponto de vista divergente só é possível porque também há uma discordância no que se refere às ideias sobre o

desenvolvimento infantil. Winnicott (1967)⁵ propõe que as formulações freudianas das fases de desenvolvimento baseadas na progressão do *id* em relação às zonas erógenas sejam deixadas de lado e que, paralelamente a essa noção, se pense uma teoria desenvolvimentista baseada nas relações que vão se estabelecendo entre a criança e seu ambiente, o que ele chamou de “psicologia do ego”.

1.1 O pai no estágio de dependência absoluta

Winnicott (1956b)⁶ explica que para que haja o começo de uma vida é necessário que a mãe possa se identificar com seu bebê a ponto de estar pronta a atender todas as suas necessidades. Ao mesmo tempo, o bebê depende desse movimento para poder ser suprido e sua vida ter continuidade. Há aí uma relação de dependência por parte do bebê que, sem a mãe, não conseguirá sobreviver. A respeito desse estado, Winnicott nos diz:

Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao fim da gravidez.

Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê.

Difícilmente as mães o recordam depois que o ultrapassaram.

Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida. (Winnicott, 1956b, p. 401)

Continuando a ler o texto, vemos que Winnicott equipara essa sensibilidade a um adoecimento. Esse estado é chamado de *preocupação materna primária* e é importante para que o bebê possa se desenvolver de modo saudável. Nesse estágio de maturidade tanto corporal quanto psíquica do bebê, não há espaço para outra figura que não seja a da mãe,⁷ mas isso não significa, de modo algum, que o pai não tenha um papel importante nessa época da vida de seu filho. O que acontece é que o bebê não diferencia sua mãe de si mesmo, o seio que o alimenta não é outro, é ele mesmo. Isso fica muito claro quando Fulgencio, ao discorrer sobre essa situação, explica:

⁵ O Conceito de Indivíduo Saudável (1967). In *Tudo Começa em Casa*.

⁶ A Preocupação Materna Primária (1956). In *Da Pediatria à Psicanálise*.

⁷ É importante ressaltar que, quando dizemos “mãe” ou “pai”, estamos nos referindo a quem cumpre essas funções para a criança, não necessariamente aos genitores biológicos.

É a mãe, com sua profunda capacidade de identificar-se com o bebê e de regredir a um estado que torna possível uma comunicação direta com ele, aquela que pode, por assim dizer, conhecê-lo “desde dentro” e, desta maneira, responder às necessidades muito particulares de seu filho, reconhecendo e ajudando-o nas mais variadas e minuciosas questões de sua vidinha. Ocorre que, mesmo sem saber nada da mãe como pessoa separada, não tendo qualquer condição para uma relação do tipo interpessoal, o bebê reconhece muito bem, entretanto, os seus cuidados: sua forma de segurar, seu cheiro, sua firmeza, sua constância, etc. O que o bebê encontra nos cuidados da mãe é a satisfação, além do absoluto envolvimento dela no atendimento atencioso e específico às suas próprias necessidades. Isso possibilita ao bebê que ele faça uma experiência de integração, de encontro consigo mesmo. Se a experiência de identidade primária, no início da vida, é ser o objeto, ao encontrar o seio, o bebê encontra uma parte de si mesmo. (Fulgencio, 2007, p. 52-53)

Essa relação de devoção e reconhecimento da mãe, enfatizada por Winnicott, possibilita que o bebê viva uma experiência de onipotência total, no sentido de que ele é atendido por sua mãe no momento em que demanda atenção a alguma de suas necessidades. Isso lhe permite a entrada em um mundo subjetivo, ainda que arcaico, mas que é a chave para o seu desenvolvimento. O que acontece é que essa díade é sua experiência total. A experiência subjetiva que deriva da simbiose saudável entre mãe e filho e que, em um primeiro momento, não dá espaço para que haja o outro. Ela é crucial para podermos compreender como para Winnicott o outro se inicia no ambiente. E essa experiência simbiótica é, portanto, o primeiro ambiente de uma criança.

Como o próprio Winnicott definiu, há um estado semelhante ao adoecimento que, se vivido de forma saudável pela mãe, possibilita o início da constituição subjetiva do bebê. E podemos inferir que esse estado materno demanda que qualquer outro tipo de preocupação mais significativa para a mãe tome um segundo plano. Assim, para que ela possa viver essa fase em sua plenitude, é importante que possa delegar ao ambiente questões relativas à sua sobrevivência e estabilidade.

Detectamos, então, o primeiro aspecto da função paterna, que é garantir que a mãe possa viver esse período inicial sem grandes perigos ou ameaças. A respeito disso Winnicott diz:

Nesse ponto o pai pode ajudar. Pode ajudar a criar um espaço em que a mãe circule à vontade. Adequadamente protegida pelo seu homem, à mãe é poupado o trabalho de ter de ocupar-se das coisas externas que acontecem à sua volta, numa época em que ela tanto precisa concentrar-se, quando tanto anseia por preocupar-se com o interior do círculo formado pelos seus próprios braços e no centro do qual está o bebê. (Winnicott, 1957, p. 27)⁸

Podemos perceber que o pai em Winnicott entra como se fosse um coadjuvante na vida do bebê e ponto central na vida da mãe. Partindo da ideia de *holding*, não parece absurdo pensar que é isso que o pai faz com a mãe nos momentos iniciais da vida de seu filho, uma sustentação do estado de *preocupação materna primária*. Isso acontece quando o pai age como provedor e protetor da díade mãe/bebê.

Além disso, é esse pai que vai procurar fornecer a boa ambiência do lar, garantindo sua existência. De modo que a impossibilidade do pai de estreitar, nesse momento, seus vínculos com o bebê (discorrerei mais sobre isso a seguir) pode ser entendida pela mãe (e posteriormente, em outros momentos, pela criança) como fundamental para a manutenção do lar. Christopher Bollas (1992)⁹ considera que a experiência da ausência do pai por conta de seu trabalho pode ser entendida como um esforço necessário à existência da família. Desse modo, a ausência do pai em diversas ocasiões do cotidiano ganha significado especial porque ela pode ser entendida como um esforço do pai em relação à mãe e ao bebê. É desejável que esses períodos de ausência sejam compensados por vivências que possibilitem a participação do pai, como Winnicott bem afirma:

Eu sei que alguns pais são muito tímidos a respeito de seus bebês, no princípio, e sem dúvida também se conseguirá que alguns se interessem por crianças; mas, de qualquer modo, as mães podem levar os maridos a ajudarem em pequenas coisas e podem organizar suas tarefas de modo que o bebê seja banhado quando o pai estiver em casa para assistir e até participar, se quiser. (Winnicott, 1957, p. 127-128)¹⁰

⁸ O Bebê como Organização em Marcha (1957). In *A Criança e o seu Mundo*.

⁹ Não Preocupe o seu Pai (1992). In *Forças do Destino – Psicanálise e Idioma Humano*.

¹⁰ E o Pai? (1957). In *A Criança e o seu Mundo*.

É interessante notar a importância de pequenas atitudes da mãe, que podem fornecer um forte subsídio ao esforço que o pai desenvolve no mundo fora de seu lar. Cabe à mãe reintroduzi-lo todos os dias no seio familiar e mostrar-lhe que seu esforço não é em vão. Do mesmo modo, a participação ativa do pai na criação do filho poderá potencializar seus sentimentos de amor em relação a ele, o que será muito benéfico para os dois durante a vida toda. E, de certo, facilitará o desempenho da função paterna nos momentos posteriores.

Para o bebê, então, o pai não é algo passível de ser entendido como objeto existente, mas sua presença pode ser sentida na forma como Fulgencio descreve:

(...) nas formulações de Winnicott, está contida a ideia de que a mãe e o pai, juntos, compõem o ambiente (total) que o bebê precisa encontrar para amadurecer, ainda que o lugar do pai não seja o mesmo da mãe na relação direta com o bebê. Nesse sentido, o colo da mãe é, por assim dizer, composto, sendo o pai um componente dele. (Fulgencio, 2007, p. 66)

Se pensarmos na junção do pai e da mãe como a experiência de um ambiente total para o bebê, teremos a ideia de que o manuseio e os cuidados com ele, quando desempenhados pelo pai, não são propriamente reconhecidos como provindos do pai ou, de forma mais ampla, do outro. Aí se encontra outra premissa de Winnicott a respeito da função paterna no período da dependência absoluta: a ideia de que o pai age como um substituto da mãe. Winnicott (1957)¹¹ afirma que os pais “podem ser boas mães por limitados períodos de tempo (...)” (p.18), mas a essência do cuidado é feminina e diz respeito ao estado, já descrito, que as mães alcançam durante os últimos meses de gestação e os primeiros meses de vida do bebê.

O bebê é capaz de perceber toda a sorte de diferenças sensoriais que ocorrem ao ser tocado e manuseado por outras pessoas (incluindo o pai), mas não sabe perceber que isso constitui, de fato, uma diferença em relação à pessoa que o toca. O que acontece é que, posteriormente, em outro estágio, essas sensações serão deslocadas e projetadas na figura do pai e do mundo

¹¹ Um Homem encara a Maternidade (1957). In *A Criança e o seu Mundo*.

exterior. Nessa fase, o que ele sente são apenas variações, que podem ser agradáveis ou ter tons mais austeros e invasivos. Aí reside o entendimento de que a mãe é a pessoa mais indicada para cuidar do bebê no início da vida, pois o *holding* e o *handling* mal efetuados geram no bebê a sensação de uma invasão, vivida como um sentimento de aniquilamento intenso que pode se tornar, em momentos posteriores, uma angústia de ordem inexprimível. Desse modo, a invasão sofrida pelo bebê pode configurar-se na etiologia de uma estruturação que pode vir a ser psicótica em momentos posteriores.¹²

Assim, é coerente pensarmos também que não podemos privar o bebê de todas as intervenções externas à sua vivência com a mãe. Indo um pouco mais adiante: podemos afirmar, inclusive, que sua mãe não vai ser capaz de protegê-lo completamente de sentimentos hostis ou de ameaça. E se não há uma falha ambiental grave, todas essas sensações têm um caráter constituinte para o bebê, pois, como veremos a seguir, somente a partir delas é que o bebê vai poder caminhar de um estado de dependência absoluta de sua mãe para a relativização de suas necessidades e o descobrimento de um mundo inexplorado.

1.2 O pai no estágio de dependência relativa ou estágio do uso do objeto

Com o tempo, se não ocorre nenhuma falha ambiental grave, emerge a necessidade de ser o bebê desmamado. Essa tarefa vai sendo desempenhada gradualmente, de modo que a mãe, em um primeiro momento, estabelece horários para as mamadas, não atendendo mais o filho no instante em que ele demanda sua atenção. Para Winnicott (1957)¹³ o desmame é um momento delicado, do ponto de vista materno. Ao se unir de maneira tão intensa com o bebê, a mãe se permitiu criar a fantasia de que ela (seu seio) é uma presa, a ser atacada por um predador voraz, seu filho. Para que essa ilusão ocorra na mulher é necessário, como já observamos, um grau de envolvimento intenso, que só é viável com uma estabilidade ambiental constante, garantida, entre

¹² Apesar de ser muito interessante e pertinente, a discussão de como a função paterna pode ter influência nesse fenômeno ultrapassa os limites deste trabalho.

¹³ O Desmame (1957). In *A Criança e o seu Mundo*.

outros fatores, também pelo pai. Permitir-se ser presa é um ato que Winnicott categoriza como devocional por parte da mãe. Assim, podemos pensar que, ao abrir mão desse estado, a mãe tem que se deslocar de uma experiência de gratificação e prazer intensos, além de perder uma parcela do controle sobre o seu bebê.

Esse momento é complexo e pode envolver uma parcela de angústia por parte da mãe, o que explica por que a ideia de um *holding* exercido pelo pai continua em voga. A mãe devotada teve a “capacidade de desviar o interesse do seu próprio *self* para o bebê” (Winnicott, 1965, p. 21),¹⁴ esquecendo-se um pouco, desse modo, de sua posição feminina e dos aspectos que a envolvem. É comum vermos mães de pequenos bebês com os cabelos descuidados, com as unhas por fazer. Isso é reflexo desse estado, e ninguém melhor que seu companheiro para lembrá-la de que ainda é uma mulher.

Na introdução de *A Criança e o seu Mundo*, ao discorrer sobre as necessidades da mãe, Winnicott aponta que a mãe precisa “da dedicação de um marido e experiências sexuais que a satisfaçam” (1957, p. 9). A mãe precisa estar satisfeita e sentir-se suficientemente feminina para ela mesma não adoecer, nem seu bebê, como consequência. Nesse contexto, o pai deve lembrar a mãe de que ela ainda é sua esposa, de que ela tem uma sexualidade. Palavras carinhosas, a troca de confidências e suporte às questões quotidianas, além da relação sexual em si, vão lembrando à mulher quem ela era antes de seu bebê. Esse é um posicionamento importante para o desenvolvimento saudável da criança. Ao voltar a se ver também como uma mulher, parceira sexual de seu marido, uma pessoa total, a mãe consegue sair do estado identificatório primário em que se encontrava. Desse modo, o pai atua como um vetor que puxa a mulher para fora da díade originária, proporcionando, assim, uma maior alteridade para o bebê.

Pode-se, então, entender o período do desmame como um momento de desilusão também para o bebê, pois ele se configura como um rompimento de alguns aspectos de sua relação inicial com a mãe. A ruptura, quando saudável,

¹⁴ O Relacionamento Inicial entre uma Mãe e seu Bebê (1965). In *A Família e o Desenvolvimento Individual*.

não ocorre de maneira abrupta, mas vem-se processando de maneira gradual, de forma que o bebê comece a transitar de um mundo subjetivo para um mundo objetivo, como diz Fulgencio:

A transição de um mundo subjetivo para um mundo objetivamente compartilhado é feita em pequenas doses, sendo que num primeiro momento o bebê entrará em contato com uma nova realidade, a transicional, que contempla ao mesmo tempo a experiência da realidade subjetiva, mesclada de elementos objetivamente percebidos da realidade exterior. Neste modo de viver, o bebê já pode, em algum nível, efetivamente relacionar-se com algo da realidade objetiva dos objetos externos que ele elegeu como sendo dele. (Fulgencio, 2007, p. 72-73)

Dessa forma, entende-se o deslocamento do papel da mãe, como gerador da realidade *transicional* do bebê; daí a importância da função paterna, que age como um vetor que chama a mãe para o sentido contrário ao da relação fusionada com seu filho. Observa-se que nesse momento a relação do bebê com o pai ainda não é direta, mas a firmeza que o pai exerce é importante para que a mãe possa permitir o início da separação entre ela e o filho. O pai, como pessoa que acalma e suporta a angústia da mãe nessa transição, pode exercer, mais do que antes, as funções de mãe. Nessa etapa, a ideia é que ele participe mais ativamente das atividades cotidianas do filho, segurando-o mais e exercendo mais vezes as atividades que num primeiro momento eram mais delegadas à mãe (tais como dar banho, ninar, entre outras).

Já comentamos que o desmame é um processo gradual na vida do bebê, de modo que a função do pai como vetor para esse nível de desvinculação também deve ser. A conscientização gradual que a mãe tem de outras tarefas e ocupações a serem desempenhadas, somada ao suporte paterno, facilita a tarefa materna de estabelecer horários para as mamadas. Esse processo significa que a mãe não responderá de prontidão, todas as demandas do bebê. Desse modo, o pai tem de agir como “um esteio para sua autoridade, um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança” (Winnicott, 1957, p. 129). Podemos usar a analogia entre presa e predador, porque para o bebê investir em direção ao seio é necessário um *quantum* de agressividade. O impulso agressivo do bebê quando não

satisfeito de imediato acaba por gerar sentimentos hostis e investidas contra a mãe. E ela tem que estar apta a suportar a raiva do filho, momento em que novamente entra o pai como uma figura de suporte importante, ajudando a mãe, com sua firmeza, em relação ao bebê. Posteriormente observaremos como essa agressividade provinda da separação, ainda que gradual, vai ser projetada na figura do pai.

Como pudemos observar, até esse momento a relação entre o bebê e o pai não é direta. O bebê ainda não consegue perceber a presença do pai como uma pessoa total, pois o que ele vivencia nesse período não é a experiência de ser uma pessoa total relacionando-se com outras pessoas totais. Na etapa da dependência relativa, o bebê começa, na verdade, a se relacionar com as lacunas que vão surgindo no que era anteriormente uma unidade entre ele e sua mãe. Essa é a realidade *transicional* já apontada neste trabalho. Viver essa realidade constitui um avanço significativo no processo de amadurecimento do bebê, pois ela representa uma relação de confiança entre ele e a mãe, e não uma ruptura abrupta.

Desse modo, observamos que o pai não entra como interventor direto na relação mãe-bebê, como diz Winnicott:

O pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto, ele é uma das duplicações da figura materna. Nos últimos cinquenta anos, tem havido nesse país uma mudança na orientação, de tal modo que os pais se tornaram muito mais reais para seus filhos no papel de duplicações da mãe do que eles eram, parece, décadas atrás. No entanto isso interfere com outra característica do pai, segundo a qual ele acaba entrando na vida da mãe como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado. (Winnicott, 1966, p. 126-127)¹⁵

Contudo, percebemos que nessa fase o pai (ou seu correspondente) não se resume mais a apenas uma duplicação da mãe: o bebê já tem uma percepção quanto à externalidade do objeto e, por mais que não o perceba como um objeto ou pessoa total, ele já assimila algumas de suas

¹⁵ A Criança no Grupo Familiar. *In Tudo Começa em Casa*.

características objetivas. Isso ocorre sem que haja uma discriminação desse sentimento em relação à figura de sua mãe, mas, partindo dessa observação, podemos entender algumas afirmativas de Winnicott quanto a ser a mãe a pessoa mais indicada para cuidar do bebê e a necessidade de que o pai seja uma pessoa vivaz e firme.

O objeto ou pessoa nesse estágio tem uma parcela subjetiva e também uma parcela objetiva já indicando a realidade externa. Ainda que subjetivamente o bebê entenda seu mundo como partindo de uma construção própria (onipotente), ele já consegue reconhecer a autonomia e a funcionalidade dos objetos em relação a ele mesmo e ao ambiente. O pai entra nesse contexto, sendo, portanto, crucial sua presença marcante para que o bebê possa começar a caminhar em sentido a uma distinção na fase seguinte. O pai vivo, criativo e presente no lar intensifica, por meio de sua ação no seio familiar e na vida do bebê, a experiência subjetiva de seu filho. E essa experiência só pode ser apreendida pelo bebê por conta de seu recém-adquirido senso de externalidade (objetivo). Fulgencio fornece uma boa ilustração desse momento:

Ao começar a se diferenciar da mãe, mas ainda de dentro da unidade que forma com ela, o bebê pode, por vezes, como que num relance, "olhar" para fora dos limites dessa unidade e encontrar ali o pai, ainda que essa possibilidade, que está nascendo agora para o bebê, logo se perca, misturando-se novamente aos cuidados da mãe. Embora isto não esteja descrito literalmente em Winnicott, é possível hipotetizar aqui que, nos bons casos, a existência não invasiva, mas constante do pai no ambiente (como se ele não desistisse de estar ali a despeito das possibilidades do bebê de percebê-lo), alternando com a mãe os cuidados com o filho, contribua e propicie para que o bebê tenha essas rápidas "sensações" do próprio pai. (Fulgencio, 2007, p. 81)

Essas "sensações" que a autora descreve são os primeiros vislumbres que o bebê pode ter de uma pessoa total, como diz Winnicott:

O pai pode ou não ter sido um substituto materno, mas em alguma ocasião ele começa a ser sentido como se achando lá em um papel diferente, e é aqui que sugiro que o bebê tem probabilidade de fazer uso do pai como um diagrama para sua própria

integração, quando apenas se torna às vezes uma unidade. (Winnicott, 2007 [1969] p. 188)¹⁶

É nesse momento, então, que o pai se desloca de seu primeiro posicionamento como substituto da mãe e assume a posição de um terceiro, embora isso ocorra de modo parcial, pois ainda não é um fenômeno permanente. Observa-se que, ao referir-se ao pai como um diagrama que o bebê pode usar para se integrar, Winnicott apresenta a ideia de que esse pai, já referido como uma pessoa total, tem uma primeira função que não a de intervir e inserir a lei na vida da criança. Fulgencio (2007) propõe a hipótese de que esse primeiro referencial de pessoa se dá com o pai e não com a mãe, pois o pai nunca esteve “tão misturado ao bebê quanto a mãe esteve” (p. 82).

Assim, observa-se que para Winnicott, antes que algo possa ter a função de intervir e inserir o sujeito na norma, é necessário que se produza uma distinção entre ele e o mundo que o cerca. Bollas (1992) aprofunda essa ideia, referindo-se ao deslocamento que o pai faz cotidianamente do lar para o local de seu trabalho. Esse deslocamento seria regido por um tempo diferente do “tempo do lar” (das crianças e da mãe), que seria percebido pela criança, o que lhe permite vislumbrar o pai como sujeito, por estar regido por essa outra ordem. De certo modo, pode-se concluir que a criança percebe que esse outro tempo de seu pai, o “tempo do trabalho”, só é acessível por ser ele uma pessoa completa. A diferença de tempos fica clara para a criança, já que seu pai, ao sair de casa, atinge o desconhecido, algo que está além dos limites de sua percepção, portanto potencialmente projetivo, como diz o autor:

A volta do pai do trabalho é, portanto, um momento intrapsíquico complexo para a criança que o espera (...). A volta do pai do outro lugar é impregnada de potencial projetivo, já que para a criança esse outro lugar é, em alguns aspectos, o domínio do próprio inconsciente. Mas, não é o espaço para sonhar, um espaço interior, o remanescente da vida in utero, mas um espaço para um uso inconsciente do que é verdadeiro. (Bollas, 1992, p. 206)¹⁷

¹⁶ O Uso de um Objeto no Contexto de Moisés e o Monoteísmo. In *Explorações Psicanalíticas*.

¹⁷ Não Preocupe o seu Pai (1992). In *Forças do Destino – Psicanálise e Idioma Humano*.

Há nessa afirmação, novamente, a noção de um pai vivo que produz algo real de que a criança pode fazer uso. Além disso, é introduzida a ideia de um encontro da criança com seu próprio inconsciente por meio do pai. É interessante notar neste ponto que a lógica da presença/ausência do pai acarreta o encontro da criança com seu inconsciente. Daí pode-se concluir que a percepção do pai como pessoa total e seus deslocamentos gera para a criança a possibilidade de entrar em contato com um espaço transicional que se situa entre a permanência do pai no lar e sua saída para o trabalho. Esse espaço pode ser em si mesmo ao menos uma parte do inconsciente que a criança vem constituindo como parte de seu *self*. O pai como pessoa total é também, em alguns de seus aspectos, um *objeto transicional* com o qual a criança pode jogar.

Por fim, é de se considerar que todo o caminho percorrido até o uso do objeto só é viável para o bebê se sua mãe possibilitou esses acontecimentos. Como vimos anteriormente, é nesse estágio que a mãe começa a retomar seu estado anterior ao nascimento do filho, fato que, se bem-sucedido, inicia o processo de divisão da unidade inicial formada por ela e seu bebê. Podemos dizer que essa separação se dá nas primeiras vezes em que a mãe diz “não” ao filho.

Winnicott utiliza o termo “dizer não”, pois, de acordo com suas proposições, no momento da *preocupação materna primária* a mãe se adapta às necessidades de seu filho, dizendo um “não” ao mundo que a cerca. Em outras palavras: ocorre uma negação das demandas do mundo exterior em troca da aceitação quase total das necessidades de seu bebê. Portanto, em termos ideais, quase não há frustração para o bebê no estágio de dependência absoluta, que é um “sim” constante e duradouro.

Essa situação se inverte quando a mãe (auxiliada pelo pai ou alguém que exerça a função de “vetor” para a externalidade, como já vimos) inicia um processo de afastamento e flexibilização do vínculo inicial com seu bebê. Ao se sentir amparada pelo ambiente (isso, como vimos, inclui o pai), a mãe começa a estabelecer horários para as mamadas, deixa o filho chorar mais antes de atendê-lo e assume outras atitudes que significam para ela uma maior

capacidade de seu filho suportar o que lhe acontece. Ao mesmo tempo, o bebê entra em contato com o “não”, isto é, com suas primeiras experiências significativas de frustração. A respeito disso Winnicott discorre:

Uma palavra mais acerca do “não” de uma mãe. Não é esse o primeiro sinal do pai? Em parte, os pais são como mães e podem ficar tomando conta do bebê e fazer todo gênero de coisas como uma mulher. Mas como pais parece-me que eles aparecem a primeira vez no horizonte do bebê como aquele aspecto inflexível na mãe que habita o dizer “não” e a sustentar a negativa com firmeza. Gradualmente, e com sorte, esse princípio do “não” passa a estar consubstanciado no próprio homem, o Papai, que passa a ser amado e poderá aplicar a ocasional palmada sem perder nada. Mas ele tem que merecer o direito de dar palmadas se pretender dá-las, e para adquirir esse direito deverá fazer coisas como ter uma presença assídua no lar e não estar do lado da criança contra a mãe. No começo, vocês podem não gostar da ideia de consubstanciar o “não”; mas talvez aceitem o que pretendo dizer quando lembro que as crianças pequenas gostam que se lhes diga “não”. (Winnicott, 1960, p. 47-48)¹⁸

De certo modo, esse trecho sintetiza tudo sobre o que discutiremos até agora, pois aponta o que é a função paterna no estágio de dependência absoluta e, em seguida, demonstra o que ocorre para que haja uma mudança de um estágio para outro.

Ao localizar a origem do pai no dizer “não” da mãe, Winnicott aponta para a importância de que o pai seja presente no lar e participe da vida familiar, de modo que sua vivacidade e força sejam fatores constituintes de sua autoridade e também da autoridade da mãe, como ele diz:

É incomparavelmente melhor um pai forte que pode ser respeitado e amado, do que apenas uma combinação de qualidades maternas, normas e regulamentos, permissões e proibições, coisas inúteis e intransigentes. (Winnicott, 1957, p. 128-129)¹⁹

Se pensarmos na afirmação anterior de que o pai tem “de merecer o direito de dar palmadas”, observamos nesse trecho transcrito que a lei e as regras por si só não significam efetiva função paterna. Winnicott apresenta aí um caminho para que a lei possa incidir sobre a criança. E afirma mais: a criança aprecia esse comportamento se for aplicado da maneira correta.

¹⁸ Dizer “Não” (1960). *In Conversando com os Pais*.

¹⁹ E o Pai? (1957). *In A Criança e o seu Mundo*.

Percebe-se, então, que essas etapas anteriores ao complexo de Édipo são fundamentais para que a criança possa, posteriormente, ter relações triangulares e de fato se inserir nesse complexo. Todos esses movimentos precedem a constituição de um “eu total” para a criança, mas percebemos neste ponto o quanto são fundamentais para podemos entender as etapas que vêm a seguir.

2 O pai, pessoa total

No estágio que acabamos de analisar, a criança passa a ter o sentido da externalidade, conseguindo, assim, perceber parte de uma realidade que já não provém de suas demandas instintuais e de sua conseqüente satisfação, provinda de sua mãe. Isso não significa que ela já se reconheça como uma pessoa total, um indivíduo totalmente separado de seu ambiente, que pode interagir e ter relações interpessoais completas. É somente no final do estágio do *concern* que a criança conseguirá (se não houver nenhuma falha ambiental considerável) colocar-se como um dos três elementos do triângulo edípico. Esse movimento só é possível porque o final desse estágio é caracterizado pela constituição do eu.

Em relação ao pai, observamos que no estágio de dependência relativa, apesar de em alguns momentos a criança conseguir ter a percepção do pai como pessoa total, esses momentos são apenas *insights*, não se caracterizando como algo que de fato já foi constituído para ela. O pai ainda faz parte do ambiente; apesar de poder ser utilizado algumas vezes como objeto, não há uma separação total de sua pessoa em relação ao ambiente. É somente no final do período do *concern* que a criança poderá, de fato, reconhecer seu pai como uma pessoa total e se relacionar diretamente com ele. Para que isso possa ocorrer é necessário que se processe uma série de mudanças e aquisições na percepção e na realidade da criança.

2.1 O pai no estágio do *concern*

Para que a criança possa relacionar-se com o mundo e se distinguir do mundo é necessário, antes, que ela possa perceber o que ocorre com ela. A primeira fase do estágio de concernimento é caracterizada pela descoberta da criança de que ela pode sentir amor e ódio pelo mesmo objeto, e que esses sentimentos não destroem o objeto e nem a fazem ser outra pessoa, como Winnicott explica:

Nesse estágio a que me refiro ocorre a formação gradual na criança da capacidade para experimentar um senso de responsabilidade, aquele que no fundo é um

sentimento de culpa. O elemento ambiental essencial aqui é a presença contínua da mãe ou figura materna durante o período em que o lactente e a criança estão se adaptando à destrutividade que faz parte de sua natureza. Essa destrutividade se torna cada vez mais um aspecto na experiência das relações objetais, e a fase de desenvolvimento a que me refiro dura dos seis meses aos dois anos, mais ou menos, após a qual a criança pode vir a ter uma integração satisfatória da idéia de destruir o objeto, ao mesmo tempo que ama o mesmo objeto. A mãe é necessária nesse período, e necessária por seu valor para a sobrevivência. Ela é uma mãe-ambiente e ao mesmo tempo uma mãe-objeto, o objeto de intenso amor. Neste último papel ela é repetidamente destruída ou danificada. Gradativamente a criança vem a integrar estes dois aspectos da mãe tornando-se capaz de amar e ser afetuosa ao mesmo tempo com a mãe sobrevivente. Essa fase inclui um tipo especial de ansiedade que se chama de sentimento de culpa, culpa essa relacionada com a ideia de destruição quando o amor também está atuando. É essa ansiedade que leva a criança ao comportamento construtivo ou ativamente amoroso, dentro dos limites de seu mundo, ressuscitando o objeto, fazendo-o ainda melhor, reparando o que foi danificado. (Winnicott, 1963, p. 96)²⁰

Ao perceber-se como a mesma pessoa que ama sua mãe e a ataca quando tem fome ou outra necessidade, a criança passa a experimentar a culpa por esses ataques, juntando-se a esse sentimento o medo e a ansiedade que surgem ao se ver numa situação em que o risco de perder seu objeto de amor é muito grande. Anteriormente, a criança não percebia sua fome (um estado excitado) como proveniente de si mesma, e tampouco que era isso que a fazia atacar sua mãe. A recém-adquirida noção da diferença de estados, somada aos seus sentimentos inerentes de culpa e medo, dão à criança um sentido mais completo em relação ao tempo, como diz Fulgencio:

A criança dá-se agora conta de que não só faz buracos no corpo da mãe como sempre os fez e, pior, que continuará a fazê-los, pois estar vivo e continuar vivo implica em usar o mundo (pessoas e objetos) no qual se vive. Ou seja, ela constata a situação presente, retroage ao passado e projeta a necessidade futura. É essa a razão de Winnicott afirmar que, durante a conquista da capacidade para o concernimento, a criança alcança também um sentido mais completo de temporalidade. (Fulgencio, 2007, p. 90)

²⁰ Moral e Educação. In *O Ambiente e os Processos de Maturação*.

É importante notar que esse sentimento de temporalidade na criança só se constitui se não houver rupturas significativas em sua experiência de continuidade. Isso ocorre de modo que, ao atacar seu objeto de amor, ela possa sentir que esse objeto sobrevive e que pode continuar amando-o, apesar de sua agressividade. Portanto, ao ser atacada por seu predador, a mãe não deve retaliá-lo como se esse ataque fosse uma ofensa pessoal à sua integridade física e emocional. A mãe deve ser “humanizada” para que possa dar um sentido de relativização quanto aos impulsos agressivos de seu bebê, de modo que o medo que ele sente de ser violentamente retaliado possa ser atenuado e colocado em um contexto, como diz Winnicott:

A mãe (e não estou excluindo o pai) altera a qualidade dos medos da criança pequena por ser um ser humano. Ela é aos poucos reconhecida por ele como um ser humano. Assim, em vez de um mundo de retaliações mágicas, a criança adquire uma mãe que compreende e que reage aos impulsos da criança. Mas a mãe pode ficar magoada ou ficar zangada. Quando digo as coisas deste modo, vocês podem perceber imediatamente que faz uma imensa diferença para a criança se as forças retaliatórias foram humanizadas. Em primeiro lugar, a mãe conhece a diferença entre destruição real e a intenção de destruir. Ela diz “Ui!” quando é mordida. Mas não fica perturbada, em absoluto, quando reconhece que o bebê quer devorá-la. De fato, considera que isso é um cumprimento, a única maneira como o bebê pode mostrar sua excitação amorosa. E, é claro, ela não é assim tão fácil de comer. Ela diz “Ui!”, mas isso apenas significa que sentiu alguma dor. Um bebê pode machucar o seio materno, sobretudo se os dentes, lamentavelmente, aparecerem cedo demais. Mas as mães sobrevivem e os bebês têm uma oportunidade de consolidar sua segurança através da sobrevivência materna. (Winnicott, 1962, p. 122-123)²¹

A sobrevivência da mãe não diz respeito somente à sua atitude de não retaliação aos ataques instintivos do filho, mas também à sua receptividade em relação às tentativas de reparação que o bebê desenvolve posteriormente aos seus ataques. Como já foi observado, o início do estágio do *concern* se caracteriza pela consciência que o bebê começa a adquirir de seus estados internos. Assim como ele pôde se conscientizar a respeito de seus impulsos agressivos, o bebê também começa a ter noção de seus aspectos mais amorosos, como descreve Winnicott:

²¹ O Desenvolvimento do Sentido de Certo e Errado (1962). In *Conversando com os Pais*.

A criança está capacitada para começar a aceitar a plena responsabilidade por toda essa implacável destruição porque também conhece os gestos que indicam um impulso para dar, e sabe por experiência que a mãe estará presente no momento em que aparecerem os verdadeiros impulsos amorosos. (Winnicott, 1962, p. 124)²²

Nesse trecho podemos observar que Winnicott, além de apontar a consciência que o bebê também tem de seus impulsos amorosos em paralelo aos destrutivos, coloca que o bebê, *por experiência*, sabe da presença de sua mãe ao demonstrá-los. Esse é outro ponto fundamental para a experiência de continuidade do bebê. Além de não retaliar as investidas agressivas de seu filho, a mãe deve também acolher suas tentativas de reparação inerentes à sua recém-adquirida consciência desses dois estados vividos. Essa reparação é importante como símbolo do amor verdadeiro que o bebê tem por sua mãe. Ao poder vivenciar a reparação após suas investidas agressivas, gradualmente ele vai experimentando mais segurança e confiabilidade em sua mãe como pessoa separada dele mesmo.

A repetição desse ciclo de ataque e reparação é fundamental para o desenvolvimento do senso de responsabilidade da criança. A atitude de sobrevivência diária da mãe se dá em detrimento dos ataques de seu filho e sua posterior aceitação aos movimentos amorosos dele, e garante ao bebê a preservação de sua impulsividade. Pois é a partir dessa experiência de repetição que ele saberá que, ao exercer seu impulso agressivo, ele pode machucar “sabendo já o caminho para fazer sarar” (Fulgencio, 2007, p. 92). Esse fenômeno marca a entrada da criança no que foi denominado de *círculo benigno*, momento em que a criança pode se apropriar totalmente de sua potência, tanto para destruir quanto para reparar.

Com o tempo, a experiência de pertencer a esse *círculo benigno* propiciará que o bebê desenvolva uma maior capacidade de tolerar a culpa de agredir e aguardar o momento de poder reparar. Esse mecanismo básico do funcionamento humano irá se desdobrar, ao longo da vida da criança, em diversas brincadeiras e atividades que representarão simbolicamente a necessidade de reparação. Esse é para Winnicott o verdadeiro sentimento de

²² *Idem.*

culpa, pois não é implantado no bebê, mas nasce de sua própria experiência. Aí reside o surgimento, na criança, da capacidade de ser moral. Pois para Winnicott (1963)²³ o processo de aquisição de um senso moral advém de uma experiência natural facilitada pelo ambiente e não de uma imposição feita pela cultura ou algo externo à experiência do bebê. A “culpa implantada” não é legítima. Em outras palavras, a moral na obra de Donald Winnicott não se baseia na lógica de um interventor que impõe a lei sobre a criança, e sim do ciclo de repetições de experiências de confiabilidade no ambiente em que ela vive.

As experiências de bondade e sustentação vividas pela criança de maneira repetida geram nela a capacidade de acreditar no ambiente. Como já foi observado, essa crença se dá quando a criança *sabe*, por experiência, que ao agir de modo agressivo vai poder reparar seu ato depois. Tendo essa garantia, posteriormente a criança será capaz de articular essa capacidade com as demandas morais que a cultura impõe. Portanto, o movimento da moral em Winnicott é o trânsito de uma experiência interna que, com o tempo e as possibilidades, vai-se articulando com a demanda externa.

Observa-se, portanto, que durante o longo período do *concern* vai-se articulando a consciência moral na criança, de modo que ela, ao longo desse período, vai-se tornando capaz de suportar e viver a ambivalência das relações. Para que isso ocorra é de se pressupor que tenham que ser impostos limites mais claros em relação às suas investidas agressivas. É nesse ponto que se dá a entrada do pai no papel de interventor na vida criança, regulando, assim, as atitudes do filho em relação à sua mulher. Pode-se entender, então, que essa primeira intervenção paterna aja no sentido de proteger a mãe, neste caso, objeto de amor do pai. Como Elsa Dias descreve:

A criança começa, agora, **a contar com o pai**²⁴ para fazer a sua parte, que consiste em proteger a mãe dos ataques da própria criança nos momentos de impulso excitado. É aqui que o elemento intransigente e indestrutível do pai ajuda a criança a liberar-se para a vida instintual e suas consequências. A presença de um pai forte, interventor, que fornece esse tipo de segurança, torna as ideias e ações instintuais mais seguras,

²³ Moral e Educação. In *O Ambiente e os Processos de Maturação*.

²⁴ Grifo da autora.

permitindo à criança correr o risco de movimentar-se, agir e se excitar, já que o pai está por perto, preparado para remendar os estragos ou para impedir, com sua força, que eles aconteçam. (Dias, 2003, p. 268)²⁵

Apesar de ser um início de relação triangular, a proteção paterna atua muito mais em função de uma demanda da criança do que de algo provindo do pai. Na longa elaboração do *concern*, ainda é muito penoso para a criança suportar a agressividade inerente às relações amorosas. Dessa forma, por mais que já venha elaborando essa ambivalência, a criança ainda necessita de algo que diga a ela quando parar, podendo, desse modo, conhecer seus impulsos sem precisar inibi-los. É interessante notar como a autora aponta “o elemento intransigente e indestrutível do pai”, pois ele remete à questão de quanto é preciso que haja uma vivacidade para que o pai seja sentido como pessoa pela criança.

Fulgencio aponta que é nesse momento que a criança começa a reunir na figura do pai “aqueles elementos paternos de inflexibilidade e dureza presentes no cuidado da mãe” (2007, p. 98). A autora assinala ainda que não há uma localização exata na obra de Winnicott do momento específico do *concern* em que se dá a entrada do pai como pessoa total, mas cita Dias (2003)²⁶ para indicar que isso provavelmente se passa na segunda metade do estágio referido, por volta dos dois anos e meio da criança. As duas autoras colocam o estágio do *concern* como experimentado pela criança até por volta de seus cinco anos, culminando com a época equivalente à entrada na fase fálica proposta por Freud. A ideia contida nessa proposição é a de que talvez a percepção do pai como pessoa total esteja ligada à descoberta da diferença dos sexos, característica do período fálico na psicanálise freudiana. É nesse período que se dá também a entrada da criança no complexo de Édipo. Como veremos, a percepção do pai como pessoa total e a triangulação proposta nesse complexo só são possíveis porque, para conquistar essa consciência, a criança também passou por todo o processo de conquista da consciência de seus estados internos tornando-se uma pessoa total. A emergência da criança

²⁵ A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott.

²⁶ *Idem*.

como pessoa total se dá com o que Winnicott chamou de sentimento de EU SOU.

2.2 O pai no complexo de Édipo

Como já foi observado, Winnicott propõe uma teoria do desenvolvimento psíquico baseada em uma tendência inata à integração. A partir dessa premissa, apresenta uma redescrição do complexo de Édipo à luz das ideias de desenvolvimento baseadas nas relações da criança com o ambiente à sua volta. Essas relações, como também já constatamos, vão-se constituindo de acordo com as conquistas que a criança vai fazendo (ou não) rumo a um grau de independência maior em relação ao seu meio. Esse processo não depende exclusivamente da criança; depende também de um meio ambiente facilitador, que forneça subsídios aos movimentos e impulsos que ela vai manifestando no decorrer de seu desenvolvimento.

O complexo de Édipo sempre teve na psicanálise o papel central na formação e constituição do sujeito, sendo todo o desenvolvimento humano pensado em relação ao seu alcance ou ausência. Para Winnicott, o Édipo é pensado à luz do amadurecimento, de modo que o complexo se situa como mais uma tarefa do desenvolvimento emocional e não como o exercício central desse processo, diferentemente do que anteriormente havia sido proposto por outros autores. A respeito da ideia de centralidade do complexo de Édipo ele afirma:

Se o fato central do complexo de Édipo for aceito, é imediatamente possível e desejável examinar aspectos em que o conceito é inadequado ou impreciso como diretriz para a Psicologia Infantil. (Winnicott, 1957, p. 168)²⁷

No mesmo texto o autor afirma que as hipóteses e teorias criadas por Freud têm como base a análise de indivíduos adultos e que nas crianças percebe-se que existem elementos anteriores ao complexo que são determinantes no funcionamento psíquico.

²⁷ A Criança e o Sexo. In *A Criança e o seu Mundo*.

Winnicott parte do princípio de que o Édipo se dá em um triângulo formado por pessoas totais, e se o indivíduo não conseguiu alcançar esse *status* psíquico, dificilmente o complexo será relevante para o seu funcionamento, como ele diz:

Acredito que alguma coisa se perde quando o termo “Complexo de Édipo” é aplicado às etapas anteriores, em que só estão envolvidas duas, e a terceira pessoa ou o objeto parcial está internalizado, é um fenômeno da realidade interna. Não posso ver nenhuma utilização do termo “Complexo de Édipo” quando um ou mais de um dos três que formam o triângulo é um objeto parcial. No Complexo de Édipo, ao menos do meu ponto de vista, cada um dos componentes do triângulo é uma pessoa total, não apenas para o observador, mas especialmente para a própria criança. (Winnicott, 1988, p. 67)²⁸

Pode-se concluir, então, que para viver o complexo de Édipo a criança há de ter passado satisfatoriamente pelos estágios anteriores de seu amadurecimento. Sem a conquista anterior da capacidade de suportar a ambivalência das relações amorosas, ela também não poderá suportar a complexidade das relações apresentadas no Édipo. Portanto, todas as etapas propostas por Winnicott são, para ele, fundamentais para a existência de uma posterior triangulação edípica. Fulgencio aponta que, caso a criança não alcance essas etapas anteriores, as questões edípicas serão vividas apenas como uma grande confusão, em que “as pessoas envolvidas serão aleatoriamente escolhidas e trocadas como alvo de identificação” (2007, p. 103). A autora ainda assinala que pode haver aí uma confusão quanto “à zona instintual dominante” (*Id.*, p. 104).

É importante ressaltar que é no estágio anterior, o *concern*, que a criança adquire a capacidade de suportar e lidar com o ódio inerente às relações humanas, e que o complexo de Édipo é uma trama tecida em torno da rivalidade que vai surgindo entre a criança e seu genitor do mesmo sexo, pelo amor do genitor do sexo oposto. Se não há uma maneira de pôr esse ódio em um contexto de rivalidade, não há Édipo para a criança. Como diz Winnicott:

Na relação triangular entre pessoas, que nesse momento estudamos, a criança é apanhada de surpresa pelo instinto e pelo amor. Este amor envolve mudanças no

²⁸ *Natureza Humana.*

corpo e na fantasia, e é violento. Um amor que leva ao ódio. A criança odeia a terceira pessoa. Por ter sido um bebê, a criança já conhece o ódio e a agressão, e também a ambivalência e o medo de que aquilo que é amado seja destruído. Agora, finalmente, na relação triangular, o ódio pode aparecer livremente, pois o que é odiado é uma pessoa que pode se defender, e que na verdade já é amada; no caso do menino, trata-se do pai, do genitor, do marido da mãe. O amor pela mãe é liberado, nos casos mais simples, porque o pai se transforma no objeto do ódio, aquele capaz de sobreviver, e castigar e perdoar. (Winnicott, 1988, p. 72)²⁹

Observamos, no final da citação, que o autor situa o pai como aquele que é capaz de sobreviver, castigar e perdoar o ódio do filho. Fica claro pelo que já foi apresentado neste trabalho, que o movimento da criança de destruir e reparar se liga diretamente ao ser destruído e aceitar um gesto de reparação da figura parental. Essa interação, que tem início em um estágio anterior do amadurecimento, possibilitou – por meio da repetição – que a criança vivencie uma experiência de confiabilidade no ambiente. Essa confiabilidade é posta em “jogo” no momento edípico, pois fica implícito na afirmação de Winnicott que o pai deve exercer a mesma função que a mãe exerceu anteriormente. Portanto, eis que a primeira diferença quanto à função paterna no complexo de Édipo winnicottiano se evidencia: o pai em sua rivalidade com seu filho não pode retaliá-lo, pois a criança só consegue viver esse complexo se houver a contínua experiência de confiabilidade no ambiente. Novamente o pai como interventor deve ser antecedido de um pai que acolhe e dá sentido à experiência.

Assim, no *concern*, a criança começa a ter consciência de seus estados internos e, por conseguinte, de suas implicações em relação ao mundo que a cerca. Isso a faz perceber as pessoas como totais e independentes de seu controle onipotente. Essa percepção é de fundamental importância para a constituição do complexo de Édipo, pois, ao poder observar seu pai e sua mãe como pessoas totais, ela automaticamente sente que há uma relação entre os dois da qual não participa. Essa relação é logo reconhecida como especial e excitante, portanto logo que percebe o pai como terceiro na relação, há a descoberta de que há uma ligação profunda entre sua mãe e ele. Nesse

²⁹ *Natureza Humana.*

momento, a criança, que identificava o pai como terceiro, “altera” o triângulo inicial, colocando-se como a terceira na relação. Daí surgem os sentimentos de rivalidade, ódio e ciúmes. Para Winnicott (1965b),³⁰ apesar de serem esses sentimentos muito sofridos para a criança, eles também podem constituir um alívio, pois, se não há uma terceira figura para se interpor entre a mãe e a criança, as consequências poderiam ser o isolamento patológico por parte da criança ou uma dinâmica simbiótica entre os dois, da qual a criança não conseguirá se desvencilhar, sendo “engolida”.

Para o autor (1988)³¹, a união dos pais, apesar de ter efeito aterrador na criança, também seria um eixo no qual ela pode se segurar. É mais suportável para ela fantasiar a morte de um genitor se ele estiver presente em sua vida. Em outras palavras, a intervenção do pai só faz sentido, se ela atuar também como uma permissão para que a criança fantasie ocupar seu lugar. O ambiente familiar tem, então, que estar apto a suportar as investidas fantasiosas da criança, sem sucumbir à sua agressividade. Se não houver essa estrutura por trás da intervenção edípica, isso pode acarretar um estado confusional grave para a criança ou uma inibição severa, pois ela não verá uma saída para as situações que fantasia ou vive. Fulgencio descreve essa situação:

O importante aqui é que cabe aos pais, aos poucos, ir ajudando a criança a discriminar entre fatos e fantasias. Quando a fantasia não encontra contra o que se bater como fato concreto, então as defesas contra a angústia que essas fantasias geram têm que ser buscadas alhures, talvez na inibição dos instintos. Na rigidez de suas defesas, no próprio controle de seus pensamentos, ou ainda na produção de uma confusão de sentimentos e pensamentos, etc. (Fulgencio, 2007, p. 109-110)

Pode-se concluir, portanto, que a família tem papel ambiental importante na vivência edípica da criança, situando-a no mundo e permitindo que ela possa ir experimentando novas relações interpessoais, a partir do que foi conquistado no seio familiar. É no relacionamento com os dois progenitores que a criança vai constituindo uma maneira de se relacionar que, posteriormente, se deslocará para fora da família. As relações que foram se construindo no caminho rumo à independência, desde aquele primeiro

³⁰ Família e Maturidade Emocional. In *A Família e o Desenvolvimento Individual*.

³¹ *Natureza Humana*

momento absoluto em que ela não se distinguia de sua mãe, são fundamentais para ditar como a criança vai interagir com outras pessoas. A experiência de confiabilidade garantida à criança em seus estágios iniciais é a base e a porta de entrada da criança num mundo maior do que a família inicial.

É também no período do complexo de Édipo que a criança passa a conhecer cada vez mais seu pai, podendo começar a utilizá-lo como uma alternativa consciente à sua mãe. Ao reconhecer características positivas nele, ela pode usá-las como um recurso, quando sua mãe não lhe agrada em alguma coisa ou quando não pode estar presente por algum motivo. Desse modo, as características positivas do pai como pessoa real e total são empregadas para facilitar que seu filho possa se identificar com ele.

O pai já agia como interventor no estágio anterior, só que a intervenção vinha no sentido de proteger a mãe em relação a algum eventual exagero na impulsividade de seu filho. Agora essa intervenção também tem a função de barrar o desejo sexual em relação ao progenitor do sexo oposto. Esse é um momento de muita angústia para a criança, e a estrutura familiar proporciona a experiência de continuidade para que essa angústia possa ser suportada e colocada em contexto. A respeito da função do pai na estrutura familiar, tomando como ponto de partida o “dizer não”, vale a pena retomar um trecho citado anteriormente,³² em que Winnicott diz:

Gradualmente, e com sorte, esse princípio do “não” passa a estar consubstanciado no próprio homem, o Papai, que será amado e poderá aplicar a ocasional palmada sem perder nada. Mas ele tem que merecer o direito a dar palmadas se pretender dá-las, e para adquirir esse direito deverá fazer coisas tais como ter uma presença assídua no lar e não estar ao lado das crianças contra a mãe. (Winnicott, 1960, p. 47-48)³³

Observamos novamente na descrição acima como a vivacidade do pai é importante para que a estrutura familiar perdure e, ao mesmo tempo, sua lei possa ser imposta à criança. A assiduidade no lar não é colocada somente em termos de presença constante, mas também que o pai seja figura participante na vida de seu filho, conhecendo suas brincadeiras e compartilhando os

³² Ver pág. 25

³³ Dizer “Não” (1960). *In Conversando com os Pais*.

cuidados do lar, sem que se desfaça seu pacto de amor com a mãe e sem se voltar para o lado da criança contra ela.

Pode-se dizer que muito do que Winnicott escreveu sobre essa fase é direcionado a ambos os pais. Um dos aspectos mais importantes com que a família tem que lidar é a distinção entre fantasia e realidade para a criança. Essa é uma tarefa desempenhada por todos nós durante a vida toda, mas nesse ponto do desenvolvimento as fantasias são de uma intensidade muito alta, o que exige que os pais tenham essa distinção clara para eles mesmos. Isso fica claro na situação triangular tradicional do menino: para que o pai o aceite como rival, ele tem que acatar a fantasia do filho, em que ambos têm a mesma potência sexual. Ao mesmo tempo, ele vai barrando as investidas do filho, mostrando que, na realidade, ele é mais potente que a criança. Fulgencio diz:

O filho deseja ocupar o lugar do pai junto à mãe. O pai, homem real, ao mesmo tempo em que aceita a rivalidade, não desautorizando nem desmerecendo a fantasia, faz a sua parte e realiza o ato objetivo de intervir na consecução dos desejos da criança, impedindo, por exemplo, que esta, sistematicamente, durma com a mãe na cama do casal. Mas, ao mesmo tempo em que intervém, podendo até zangar-se, ele continua cuidando da criança, como sempre o fez, a partir da real maturidade dela. Depois da intervenção, aceita o eventual convite para andar de bicicleta ou, antes de este ir dormir, lê para ele o livro de histórias, retomando com o filho a vida comum. (Fulgencio, 2007, p.118)

A autora discorre sobre a presença do pai no sentido de que ela é benéfica como causadora da ansiedade da castração, por assim impedir que o filho se choque com sua impotência, pois há nesse período na criança a fantasia de que ela tem potência maior do que de fato tem. Embasada em uma afirmação de Winnicott, a autora afirma que para o autor a angústia da castração é “também uma defesa contra a imaturidade da criança” (*Id.*), porque, mesmo que não houvesse impedimentos em relação à satisfação de seu desejo por sua mãe, a criança não conseguiria de fato realizá-lo, por não ter maturidade física nem psíquica para tal. Aqui é importante ressaltar que, apesar de ser o complexo de Édipo descrito em termos de desejo sexual, a criança, quando o experimenta, não tem necessariamente o conhecimento do

ato sexual em si e suas fantasias não estão propriamente ligadas à ideia de penetração ou de qualquer outro aspecto sexual adulto. Se a criança já tem conhecimento do que é uma relação sexual, mesmo assim esse ato nunca se concretizaria, pois ela não possui maturidade corporal suficiente para realizá-lo. Com base nesses aspectos é que se pode considerar a intervenção paterna como uma defesa tanto contra a imaturidade quanto contra o sentimento de impotência da criança.

Quanto ao manejo paterno da ideia de potência e da potência real da criança, Winnicott diz:

No mais simples dos casos possíveis, que Freud tomou como base para o desenvolvimento de sua teoria, o menino apaixona-se por sua mãe. O pai é utilizado pelo menino como protótipo de sua consciência. O menino interioriza o pai que ele conhece, e chega com ele a um acordo. Mas outras coisas também acontecem, e podemos até enumerá-las. O menino perde um pouco de sua capacidade potencial instintiva, negando desta forma uma parte do que ele vinha reivindicando. Até certo ponto, ele desloca o seu objeto de amor, substituindo a mãe por uma irmã, tia, babá, alguém menos envolvido com o pai. E mais, até certo ponto o menino estabelece um pacto homossexual com o pai, de modo que sua própria potência não é mais apenas dele, e sim uma nova expressão da potência do pai, por meio da identificação internalizada e aceita. Tudo isto permanece localizado nos sonhos mais profundos, e não está à disposição do menino para ser expresso conscientemente; mas na saúde, esta impossibilidade não é absoluta. Por identificação com o pai ou com a figura paterna, o menino obtém uma potência por procuração e uma potência adiada, mas própria, que poderá ser recuperada na puberdade. (Winnicott, 1988, p. 73)³⁴

Notamos nessa afirmação que o autor reitera que a potência da criança só é garantida pela introjeção da figura paterna, e, por que não dizer, também da potência paterna. Nesse ponto a ideia de um “pacto homossexual” com o pai é fundamental para compreendermos o que mobilizaria a criança a fazer uma renúncia de tamanha proporção. Ao introjetar a figura paterna com êxito, a criança não adquire apenas uma norma a ser seguida, ela também obtém uma garantia – apesar de não ter consciência disso – de que algo do que foi perdido pode ser reavido posteriormente. Essa trama complexa só ocorre porque em momentos anteriores, e durante esse processo, o pai pôde se manter, ao

³⁴ *Natureza Humana.*

mesmo tempo, *firme e presente*. Em nenhum momento durante o complexo de Édipo ele deixou de ser a figura que atuava a fim de barrar os impulsos amorosos excessivos da criança por sua mãe, e ele também pôde participar ativamente da vida de seu filho, garantindo, desse modo, que se estabeleça uma linha identitária na qual a criança pode se segurar até poder usufruir o máximo de sua potência, com o início da puberdade. É importante ressaltar que a maneira como o pai desempenha essas funções é que vai produzir “marcas” na personalidade em desenvolvimento do seu filho. E é nesse modo de agir que se encontra o início da linha identitária na criança, que até então vinha lidando com seus instintos.

A partir do laço profundo que a criança tem com pai (e a mãe também) é que ela pode se sentir alguém; ainda que seja impedida de participar da relação sexual dos pais, ela compartilha de uma intimidade essencial para a construção de novas possibilidades: é a partir da comunicação e interação com seus genitores que ela começa a estabelecer identificações que, posteriormente, serão a base de suas novas relações com o mundo e as pessoas.

Observamos, então, que o complexo de Édipo é sempre alcançado quando não houver falhas consideráveis no processo de amadurecimento. Assim, por mais que ele não seja nuclear na teoria de Winnicott, a pessoa total, que passou por todos os estágios de amadurecimento sem grandes problemas, só é total porque estabeleceu relações triangulares. De modo que podemos pensar que atingir esse complexo, apesar de não ser fundamental para Winnicott, é o sinal máximo de um processo de amadurecimento infantil bem-sucedido.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo descrever e investigar aspectos da função paterna na teoria de Donald Winnicott. Já no início da pesquisa pude estabelecer que, além de bastante presente nos escritos do autor, a questão paterna ocupa lugar importante em suas formulações teóricas. A partir do que foi estudado, propus uma divisão do desenvolvimento da função paterna demarcado pelo que podemos denominar de *dois tempos*.

O primeiro *tempo* consiste nos momentos em que não há na criança a distinção da existência de um mundo autônomo externo a ela, e que esse mundo tem uma gama enorme de leis e outras complexidades ainda muito distantes da vivência infantil. Nesse contexto, não há, também, para ela o reconhecimento do outro, como pessoa total e autônoma fora de seu controle onipotente. De modo que a figura do pai ou de qualquer outra pessoa não suscita nada de muito especial na experiência da criança, por não ser reconhecida ainda como uma pessoa e sim como parte do ambiente.

Assim sendo, para se pensar no que é paterno nesse *tempo*, não podemos ter outra referência que não seja a ambiental: o pai é um *Pai Ambiente*. Dessa forma, a intervenção paterna concreta tem pouco sentido ou ressonância na criança, de modo que no estágio de dependência absoluta Winnicott propõe que a função paterna esteja relacionada com a manutenção e proteção da díade mãe/bebê. Essa função diz muito mais respeito a um cuidado com a mãe do que propriamente com o filho. A provisão ambiental paterna entra no contexto mais para garantir que a mãe possa viver plenamente os primeiros meses de seu filho do que para garantir algo diretamente para o bebê. A respeito de uma relação direta do pai com a criança, Winnicott propõe que o pai, ao interagir, seja um “substituto da mãe”, protegendo, assim, o bebê de uma invasão intensa que a diferença de cuidados poderia representar.

Em um segundo momento deste primeiro *tempo*, na dependência relativa, a atuação do pai toma forma de intervenção, mas ainda não direta em relação à criança. No início da separação da díade inicial, a função paterna é descrita em termos de propiciar a flexibilização do vínculo mãe/bebê; ela é, como denominei, uma função “vetor”, que “chama” a mãe para fora da *preocupação materna primária*.

Podemos observar que nesses aspectos iniciais dos estágios de dependência absoluta e dependência relativa, a afirmação de Phillips (2007), já citada,³⁵ não é de todo errônea, pois, ao atuar como protetor da unidade mãe/bebê e, posteriormente, ao apoiar a mãe em seu movimento contrário à simbiose, o pai age como um espaço transicional entre a mãe e seu bebê, ação que tem tanto o sentido de unir, quanto o de separar os dois. A divergência de Phillips se dá quando ele afirma que Winnicott abandona a figura do pai. Observamos ao longo deste trabalho o quanto a figura do pai é presente na obra de Winnicott, e que sua vivacidade é importante para o desenvolvimento infantil.

A ideia de um espaço transicional que une e separa a mãe de seu filho é bem pertinente quando pensamos que a proteção da díade é que vai garantir uma separação posterior, tendo em vista a segurança que a criança pôde ter em seus cuidados primários. Do mesmo modo, a separação posterior, como foi dito, pode ser considerada como símbolo da união subjetiva da criança com seus genitores.

Posteriormente, no final do *concern*, a figura do pai torna-se importante enquanto pessoa total. Ela já vinha sendo construída desde a dependência relativa, mas é apenas durante o estágio que precede o complexo de Édipo que ela toma uma forma definitiva. Esse momento marca a passagem para o que proponho denominar *segundo tempo* da função paterna, em que o pai enquanto pessoa viva e atuante é fundamental para o desenvolvimento da criança. É a partir desse ponto que observamos uma contribuição importante de Winnicott para as formulações do complexo de Édipo. O autor dá ênfase ao

³⁵ Ver pág. 8 do presente trabalho.

fato de que, se não há provisão ambiental concomitante com a intervenção paterna da lei, ela em nada afetará a criança. Além de fundamental para o desenvolvimento maturacional da criança antes do Édipo, o ambiente é fator crucial para que o complexo se “desenrole” em sua plenitude.

A presença atuante do pai em sua vida entra como aspecto importante, de modo que a criança, ao sentir seu pai como uma pessoa real e atuante em sua vida, pode respeitar os limites que ele impõe aos seus impulsos e fantasias. Ao mesmo tempo, percebemos que a lei paterna tem em si um valor de provisão e segurança para a criança, pois, para Winnicott, o pai que aceita rivalizar com a criança durante o complexo de Édipo demonstra respeito por sua fantasia de potência, “duelando” com ela, por mais que saiba que, na realidade, há um abismo entre sua potência adulta e a potência real da criança. Apesar de agir como interventor, o pai continua sendo o mesmo que, em outros momentos, brinca e lê histórias para a criança, o que garante um vínculo de segurança e respeito entre os dois.

O ambiente, portanto, tem papel crucial nos dois *tempos* da função paterna, o que se explica pela ideia winnicottiana de que a criança só se torna uma pessoa total pela experiência introjetada de um ambiente *suficientemente bom*. Essa experiência boa internalizada, que para Winnicott é a raiz da moralidade, é o que possibilitará que a lei externa incida sobre a criança. Em outras palavras: a criança adquire uma capacidade de recepção ao externo, que, se não fosse pela capacidade de introjeção e simbolização, em nada a afetaria. A respeito desse mecanismo Bollas faz uma afirmação interessante:

Concebo o inconsciente recalcado primariamente funcionando de acordo com a ordem materna, cuja “lei” básica, se assim o quisermos, é a da recepção. O inconsciente recalcado secundariamente é o que funciona de acordo com a ordem paterna e segue a lei do recalque.³⁶ (Bollas, 2000, p. 111)

A ideia exposta nessa afirmação, apesar de não ter sido formulada por Winnicott, parece ir diretamente ao encontro de suas proposições a respeito da aquisição da moralidade. O que Bollas denomina de ordem materna, e que

³⁶ Grifos do autor.

teria a recepção como princípio régio de funcionamento, parece ser o mesmo que Winnicott descreve quando diz da capacidade que a criança vai adquirindo de acreditar no ambiente.³⁷ Podemos pensar que nos períodos em que o ambiente era indiscriminado (e em que se localiza o que denominei de *primeiro tempo* da função paterna, ou seja, da relação indireta com a criança), sendo a mãe o primeiro ambiente por excelência, tudo era da ordem do materno. Com o início da percepção das pessoas como totais, há também a possibilidade de interagir com elas e com as demandas sociais, sendo nessa interação que a lei externa vai incidindo sobre a criança – o que Bollas denomina de ordem do paterno e que segue a lei do recalque. Os fenômenos da ordem do paterno são os mais classicamente conhecidos como complexo de Édipo.

Para concluir, gostaria de ressaltar que, apesar de ter, neste trabalho, utilizado a divisão de estágios de amadurecimento proposta por Winnicott, de ter proposto uma divisão complementar à sua e até de ter-me arriscado a dar-lhe um nome. A passagem de um estágio para outro, de um *tempo* para o posterior não é claramente demarcada. Ainda que em alguns trechos citados tenham até sido apresentadas idades cronológicas relacionadas com as fases de desenvolvimento, essa é uma divisão teórica, cujo objetivo é situar aspectos importantes no desenvolvimento da criança. O amadurecimento, na realidade, não é demarcado tão claramente quanto na teoria. A criança vai se movimentando gradualmente pelos estágios, conquistando e perdendo para reconquistar novamente, até que se consolidem as características relativas a cada momento descrito.

³⁷ Ver a seção 2.1 deste trabalho.

Referências bibliográficas

ABRAM, Jan. *A Linguagem de Winnicott: um dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2000.

BOLLAS, Christopher. Não Preocupe o seu Pai. In: *Forças do Destino – Psicanálise e Idioma Humano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. *Hysteria*. São Paulo: Escuta, 2000.

DIAS, Elsa O. *A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FULGENCIO, Claudia Dias R. *A Presença do Pai no Processo de Amadurecimento – Um Estudo sobre D. W. Winnicott*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: PUC-SP, 2007.

LANG, Charles. O Pai em Winnicott e Lacan. In: Outeiral, J.; Hisada, S.; Gabriades, R.; Ferreira, A. (Org.). *Winnicott: Seminários Brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Revinter. p. 29-50, 2005.

OGDEN, Thomas H. Lendo Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo. v. 36, n. 4, p. 737-755, 2002.

PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. São Paulo: Ed. Ideias & Letras, 2007.

WINNICOTT, Donald W. A Tendência Anti-Social [1956]. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. A Tendência Anti-Social [1956]. In: *Privação e Delinquência*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. A Preocupação Materna Primária [1956b]. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. *A Criança e o seu Mundo* [1957]. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. Dizer “Não” [1960]. In: *Conversando com os Pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. O Desenvolvimento do Sentido de Certo e Errado [1962]. In: *Conversando com os Pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Moral e Educação [1963]. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____ O Relacionamento Inicial entre uma Mãe e seu Bebê. (1965) In: *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____ Família e Maturidade Emocional. (1965b) In: *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____ A Criança no Grupo Familiar. [1966]. In: *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____ O Conceito de Indivíduo Saudável [1967]. In: *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____ O Uso de um Objeto no Contexto de Moisés e o Monoteísmo [1969]. In: Winnicott, C.; Shepherd, R.; Davis, M. (Org.). *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____ *Natureza Humana* [1988]. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Bibliografia consultada

Outeiral, José O. *Comentários sobre o Pai e o Complexo de Édipo na Obra de D. Winnicott*. Disponível em <www.joseouteiral.com.br/artigos>

Outeiral, José O. & Celeri, Eloisa H. R. V. A Tradição Freudiana de Donald Winnicott – A Situação Edípica. E sobre o Pai? *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 36, n. 4, p. 757-778, 2002.

Winnicott, Donald W. Psicose na Infância [1961]. In: Winnicott, C.; Shepherd, R.; Davis, M. (Org.). *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____ *Holding e Interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.